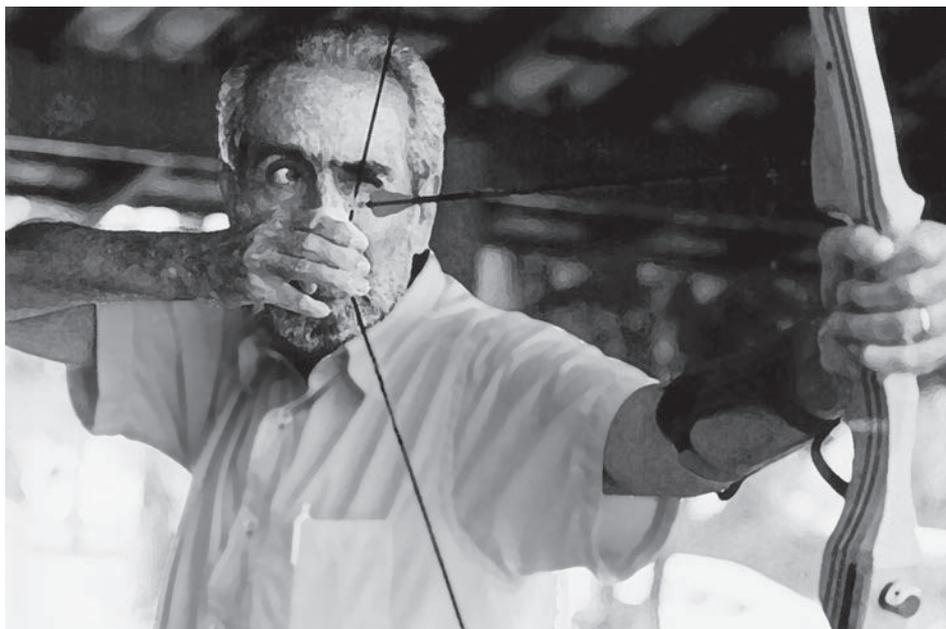


Signos 
do Amor

O
LEÃO
ferido

MIA SHERIDAN





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Este livro é dedicado a Darcy Rose – entre
muitas razões, por me mostrar que sou
mais corajosa do que poderia imaginar.

O Leão

Um amante ardente e um guerreiro corajoso por instinto.

capítulo 1

Estou deitado na minha cama no hospital, encarando o teto, imerso em meu sofrimento. Como cheguei a isto? Como a vida me trouxe a isto – não apenas a este quarto, neste prédio, mas ao estado deplorável em que se encontram minha cabeça e meu coração? Quero fugir de mim mesmo, rastejar para fora da minha mente e me tornar apenas uma sombra encolhida no canto. Destruí todas as pessoas que algum dia tentaram me amar. Perceber isso provoca uma dor tão devastadora, tão avassaladora, que não consigo lidar com ela.

Escuto uma leve batida na porta do quarto e, antes que possa dizer qualquer coisa, ela se abre lentamente e o Dr. Fox enfia a cabeça pela fresta, os cabelos brancos desalinhados.

– Bom dia, Jake – diz, sorrindo.

Ele entra e deixa a porta se fechar.

O Dr. Fox é o psicólogo do hospital e vem me visitando faz duas semanas, mas não tenho uma palavra sequer para dizer a ele. Não estou interessado no que ele tem a oferecer. Ponto final.

Como não falo nada, ele me encara por um minuto, depois diz com gentileza:

– Ainda não quer conversar comigo sobre o mês traumático que teve? Ficaria surpreso ao ver como falar ajuda.

Bufo, mas permaneço mudo. A última coisa de que preciso é um médico de maluco tentando me convencer de que tudo ficará bem se eu desabafar no ombro dele. Ele se parece com Einstein, o que deve ser bom se considerarmos que eu precisaria de um gênio para ao menos tentar resolver todos os meus problemas. Estou um bagaço e sei disso. Mesmo assim, dispenso. Não, obrigado.

– E então? – digo por fim. – Vamos brincar de Gênio indomável ou coisa parecida? Vai dizer que não é minha culpa, certo?

Rio sem a menor vontade e desvio os olhos. Que piada... O Dr. Fox fica em silêncio por um instante, então diz:

– Não sei, não, Jake... Li sobre o seu acidente e me pareceu que a culpa foi sua. E gostaria de conversar com você sobre isso, se estiver disposto. Já o falecimento do seu pai... obviamente não foi culpa sua. Mas, de qualquer modo, não estou aqui para oferecer colo. Se quiser alguém para passar a mão na sua cabeça e lhe dizer que você não é responsável por suas péssimas decisões, esse não sou eu. Mas se quiser conversar com quem já ajudou pessoas com problemas muito piores do que os de um juvenzinho rico que não conseguiu o que queria e arreventou o Porsche novo de pirraça, talvez eu possa ser um bom ouvinte.

O psicólogo se vira para ir embora. Estou furioso com o que ele acabou de dizer. Mal consigo me mexer: meus dois braços estão engessados, minha perna está suspensa no ar, também imobilizada, e meu rosto está enfaixado e inchado. Mesmo assim, consigo me mover o bastante para que o Dr. Fox, que está prestes a sair, se volte novamente na minha direção.

– Seu desgraçado arrogante – disparo. – Acha que me conhece só porque anotou algumas palavras sobre mim na porcaria de um papel? Acha que as pessoas podem ser resumidas em uma ou duas linhas? Não sou um “juvenzinho rico”! Eu mal tive um teto durante a vida toda. Tinha acabado de descobrir que meu irmão mais novo morreu... um garoto que eu praticamente criei. Você não sabe nada sobre mim!

O Dr. Fox fica em silêncio por um instante.

– Agora eu sei – diz em voz baixa. – Obrigado por me contar. Qual era o nome do seu irmão?

Hesito por um instante, o cenho franzido, então viro a cabeça na direção da janela e do céu azul da Califórnia. Merda, esse desgraçado me pegou. Rá! Mesmo contra a minha vontade, sinto meus lábios se curvarem num sorriso e uma semente de respeito começar a germinar.

Depois da pergunta, fico olhando em silêncio pela janela por um ou dois minutos. O Dr. Fox espera.

– Seth – respondo.

– Adoraria ouvir sobre Seth, se você quiser falar.

Respiro fundo. Não converso sobre Seth há tanto tempo... Ah, droga! O único modo de aquele garotinho maravilhoso continuar existindo de alguma forma é através de mim. Falhei com ele. E devo tanto a Seth... Mesmo assim, hesito, até que finalmente encontro as palavras:

– Não via Seth fazia dez anos. Sou adotado. Ele era meu irmão de sangue. Ou meio-irmão. Mas meu irmão de verdade no que importa. É uma longa história.

– Sou especialista em histórias longas.

O psicólogo sorri e eu dou uma risadinha mesmo sem querer.

– Aposto que sim.

– O que acha de eu voltar amanhã cedo para conversarmos melhor?

Fico algum tempo em silêncio, considerando a proposta.

– Não sei, ando meio ocupado. Tenho uma festinha de autopiedade marcada para as 8h, depois uma sessão de imersão em melancolia às 9h.

O Dr. Fox ri baixinho.

– Então às 10h. Até amanhã, Jake.

Ele começa a se virar na direção da porta e, quando estende a mão para a maçaneta, eu o chamo:

– Ei, Doutor.

– Sim – diz ele, voltando a me encarar.

– Meu nome é Leo. Meu nome de verdade, quero dizer. Não sou Jake. Sou Leo.

Ele não me pede para explicar e não fala nada por um instante. Mas continua:

– Está certo. Que tal conversarmos sobre isso amanhã, e você me diz como gostaria de ser chamado? Vejo você às 10h.

E, com isso, ele abre a porta e sai do quarto.

capítulo 2

Observo Evie, que está sentada no banco do parque, comendo uma maçã, com um livro na outra mão. Está tão linda que observá-la e não poder chegar perto dói. Provavelmente está distraída com a leitura, então me aproximo um pouco e me sento em outro banco, fingindo falar ao telefone. Estou desesperado para vê-la melhor, para inundar meus olhos de Evie. Mas preciso manter distância por enquanto, ao menos até decidir o que vou fazer, o que vou dizer. Meu coração começa a bater mais rápido. Não posso estragar tudo. Cheguei tão longe e agora a única garota que amei na vida está bem na minha frente. E pode ser que ela me odeie.

Venho seguindo Evie há uns dois dias e já percebi que não é casada – graças a Deus. Não quero nem pensar em como teria lidado com isso. Mas ainda não sei se ela tem um namorado nem se está saindo com alguém. Não sei se isso me deteria, mas, de qualquer modo, seria bom saber o que virá pela frente.

Ela trabalha no Hilton do centro da cidade e não tem carro. Não gosto de imaginá-la andando de ônibus por todos os lugares. Fico mais tranquilo quando a sigo com meu carro, porque sei que Evie estará segura enquanto eu ficar de olho. Uma vozinha em minha cabeça diz que ela tem se saído muito bem nos últimos oito anos sem meus cuidados, e sinto uma pontada de culpa me atingir.

Evie parece muito bem, apesar de obviamente não ganhar uma fortuna. Ela vive em uma área decente de Clifton, um bairro próximo à Universidade de Cincinnati, veste-se bem e é visível que está fazendo um belo trabalho em tomar conta de si mesma. Não fico surpreso. Ela ainda é a Evie de que me lembro. Tenho um orgulho enorme disso. Vi garotas com muito menos problemas do que Evie perderem a cabeça só porque a manicure foi cancelada. Já saí com mais garotas assim do que deveria, até. Mas quem sou eu para julgá-las? Também fui fraco.

A primeira vez que vi Evie depois que voltei a Cincinnati, eu estava esperando no carro, estacionado no outro lado da rua do prédio dela. Evie apareceu usando calça jeans e um suéter, os cabelos longos e escuros descendo pelas costas. Minha boca ficou seca e o ar saiu num arquejo. Não sabia que era possível prender o fôlego por oito anos, mas parece que é. Fiquei paralisado vendo-a descer a rua. Evie foi uma menina linda, mas se transformou em uma mulher estonteante. Ainda era pequena e magra, mas agora tinha curvas femininas que não estavam ali na última vez que a vi. As emoções me atingiram e foi como se ainda na véspera eu tivesse beijado Evie no nosso telhado e dito a ela que esperasse por mim, porque eu esperaria por ela, voltaria para ela, a amaria para sempre. *Mas eu tinha falhado.*

Enquanto a seguia, pude me lembrar da força da minha Evie e vi que ela continuava a ser a mesma garota generosa e carinhosa que eu conhecera. Sorria para todo mundo, parava e ajudava quem precisasse, embora pudesse simplesmente seguir seu caminho. As pessoas que entravam em contato com ela pareciam precisar se controlar para não chamá-la de volta quando se afastava. Não podia culpá-los. *Minha Evie... essa não é uma forma inteligente de pensar, cara.* Eu já estava perigosamente fascinado antes mesmo de pousar os olhos nela. Agora então... Ficaria arrasado se Evie me rejeitasse logo de cara.

Depois de apenas dois dias seguindo-a, eu já tinha certeza absoluta de estar ainda mais apaixonado por ela do que quando eu tinha 15 anos. Agora só precisava descobrir o que fazer. Pensei e pensei, mas não consegui encontrar uma resposta. Minha vontade de falar com Evie, de tocá-la, era tão grande que eu mal conseguia me manter quieto. Ia ao escritório todo dia e tinha que me esforçar para me concentrar no trabalho à minha espera. A pergunta-chave – *o que devo fazer?* – ficava girando na minha cabeça a ponto de eu achar que iria enlouquecer. Depois de anos e anos ansiando por Evie, agora ela estava ali, tão perto... contudo permanecia a milhares de quilômetros de distância.



Quando eu era criança, odiava o dia de tirar fotos no colégio. Não porque desse a menor importância a esse tipo de coisa, mas percebia que Evie se importava e isso me matava. Em qualquer outro dia do ano, nós conse-

guíamos nos misturar aos outros de algum modo, com nossas roupas usadas e nossos cabelos malcortados. Mas no dia de tirar fotos todos os outros alunos apareciam de roupa nova, as garotas com laços no cabelo e dinheiro em envelopes para serem entregues à professora.

No entanto, ninguém dava a mínima para ter na parede uma foto da criança que abrigava. Ninguém jamais se importou em registrar como eu era no quinto ou no sexto anos – ou em *qualquer* idade. Bem, se houvesse alguém para se importar com isso, provavelmente haveria alguém para se importar por eu morar na casa de estranhos.

Eu observava Evie olhar para as outras garotas e via como ela levava as mãos ao cabelo, constringida, e tentava ajeitá-lo um pouco. Evie não conseguia alcançar a parte de trás do cabelo muito bem e ninguém o arrumava por ela.

Então eu via aqueles olhos escuros infinitos assumirem uma expressão sonhadora e sabia que minha Evie estava criando uma história para si mesma. Por um lado, aquela expressão acabava comigo, mas por outro fazia meu coração se encher de orgulho. Eu sabia que era por isso que o espírito dela não se partia, por isso ela não endurecia, como já acontecera comigo. Eu não achava que os sonhos de Evie fossem uma forma de negar as circunstâncias em que vivia. Ela era a pessoa mais inteligente e observadora que eu já conhecera. Para mim, era graças àqueles sonhos que Evie conseguia cuidar de si mesma e passar por tantos problemas mantendo a alma gentil, e isso me fazia amá-la muito. De algum modo, apesar da situação triste em que vivia, Evie tinha a coragem de se agarrar à crença de que havia bondade no mundo.

Imagino que essa lembrança voltou à minha mente hoje, enquanto sigo Evie até o trabalho dela, porque, apesar de ela estar usando um uniforme de arrumadeira, caminha com segurança e despreocupação, como se estivesse absolutamente satisfeita com a vida que leva. E deve estar. Fico feliz por ela ter chegado a esse ponto. Mas quero saber mais. Preciso saber mais sobre quem ela se tornou. Preciso saber tudo.

É por isso que tenho que estar preparado e saber exatamente o que dizer, antes de confrontá-la. O medo da rejeição faz meu estômago revirar. Eu me *recuso* a perdê-la antes mesmo de ter a chance de reconquistá-la.

Merda, preciso de uma bebida. *Não, não vou fazer isso.* Vou para a academia, malhar até me livrar de um pouco dessa tensão. E vou me deitar

cedo esta noite. Li no jornal que o velório de Willow é amanhã e estou planejando ir. Tenho certeza de que Evie estará lá e, por isso, terei que manter distância, mas não deixarei de ir. Devo uma última homenagem a Willow, que, apesar dos fantasmas que tinha para vencer, nunca foi cruel com ninguém por causa disso. Bem, exceto consigo mesma. Até o fim. Penso em como eu mesmo cheguei perto de acabar com a minha vida e sei que a única coisa que me faz diferente dela é que tive uma segunda chance.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br